

# MACHADO DE ASSIS E LUCIANO DE SAMÓSATA: O SORRISO IRÔNICO DA SÁTIRA MENIPÉIA

Lamartine C. Xavier Júnior

Aos professores: Eliane Ferreira, grande criadora, responsável por esta criatura; Sebastião Rios, por seu sorriso irônico e Maurício Izolan, pelas impagáveis recomendações de leitura.

## RESUMO

A presença de dois exemplares de Luciano de Samósata na biblioteca de Machado de Assis suscita uma investigação sobre a efetiva leitura desses e consequentes reflexos na escrita machadiana, já que, comprovadamente, o escritor brasileiro era leitor-apropriador de textos filosóficos. Assim, essa comunicação expõe um breve comentário a respeito da sátira menipéia, abordando a ironia como mediadora entre a leitura e a escrita desses alquimistas do ato de escrever.

**Palavras-chave:** Sorriso, sátira menipéia, crítica, liberdade, criatividade.

## Um caminho...outro caminho

A ironia expressa por Machado de Assis (1839-1908), bem como por Luciano de Samósata (120-200), mormente pela sátira menipéia, é a indicação de um outro caminho, um modo de interpretação da existência que não só desmascara o senso comum, como também demonstra que os sistemas dogmáticos existentes são barcos encalhados num rio, cuja navegação pode ser extremamente complexa e perigosa, qual seja, o rio da vida humana.

Aqui se pretende expor a importância da sátira menipéia na produção da obra de Machado de Assis, através de sua filiação à tradição iniciada pelo escritor grego de origem síria, Luciano de Samósata. Esta sátira diferenciada se encaixou como uma luva na visão irônica de mundo inerente a ambos os escritores. Demonstrando um sorriso amargo, que na verdade mais parece um pensar sobre riso, eles desnudaram o lugar comum dos sistemas dogmáticos. Reeditaram a

alegoria da caverna, revelando que as verdades da vida não estão apenas nos auditórios, nos parlamentos e em tantas magníficas obras da arquitetura. As verdades, segundo esses homens de pensamento livre, poderiam também ser vistas no lado de fora dessas edificações, nas margens dos rios, nos subúrbios, nos submundos e até no além mundo.

Por volta de 180 de nossa era, Luciano de Samósata nos revelou que assim como os grandes Platão e Aristóteles, um filósofo sem tanta importância, que viveu por volta do século II a.C de nome Menipo de Gadara, aquele "velho, calvo, com um manto esburacado, aberto a todos os ventos e colorido, graças aos remendos andrajosos" (LUCIANO, 1998: 15) também merecia ser observado, principalmente porque este último, mesmo sendo colocado às margens da filosofia, parecia estar "sempre rindo e, na maior parte dos casos zombando dos filósofos vaidosos." (LUCIANO, 1998: 15). Na verdade, esse riso sem graça revela o conhecimento dos rumos tomados por um certo rio da vida, no qual ainda seguem sempre os tripulantes do barco do senso comum. Este barco muitas vezes encalha por causa de obstáculos intransponíveis, e, por isto, leva seus tripulantes à estagnação. Assim é a sátira menipéia, que teve sua origem atribuída por Luciano de Samósata à Menipo de Gadara, mas que teve como expoente principal o próprio Luciano, chegando ao Brasil no século XIX, pelas mãos de Machado de Assis.

### **O sorriso moral e o sorriso ambíguo**

É certo que essas anotações não podem e não pretendem colocar a sátira menipéia em nenhuma posição mais importante em relação às outras técnicas utilizadas por Machado de Assis. Não se pretende também dizer que esse gênero literário seja uma espécie de antifilosofia ou um conceito necessariamente crítico que direciona suas farpas a tudo e a todos. Esse sorriso irônico tampouco é de filiação exclusiva da escola cínica de filosofia (fundada em 400 a.C por Antístenes), apesar de guardar algo de comum com esta escola grega, que declarava, com o lema

"nem...nem" (nem uma coisa nem outra) que todas as escolas filosóficas estariam perdendo tempo com teorias que nunca levariam a uma verdade absoluta. Errado também seria considerar essa sátira como um recurso literário menor, utilizado pelos dois autores em questão, com o simples intuito de incrementar suas histórias e seus personagens. Talvez, o próprio sorriso não seja o objetivo final deste gênero pouco divulgado. Mas qual seria a moral dessa história?

A sátira menipéia, adotada por vários escritores ao longo dos anos, como por Erasmo de Rotterdam (1466-1536), para citar apenas um, é um gênero que vem percorrendo a história de forma marginal, mas, dada a qualidade de seus representantes, não parece ser inferior à sátira tradicional. A localização periférica talvez aconteça por razões históricas e, por que não dizer, políticas, uma vez que a sátira tradicional, a chamada sátira romana era identificada por uma série de preceitos fixos, que eram impostos, talvez, com a intenção de se proteger a literatura romana contra acusações futuras de falta de originalidade. Um desses preceitos era de que a sátira deveria ser feita em versos e sempre trazia uma moral da história.

Por sua vez, a sátira menipéia, de origem grega, era constituída de uma mistura entre prosa e verso. O que por si só já a colocava fora dos preceitos identificadores da sátira tradicional. Ela também continha outros elementos, que faziam com que os romanos não reconhecessem este gênero como sendo sátira. De qualquer forma, a diferença, se não a mais importante, pelo menos a mais evidente, parece ser o caráter não moralizante da sátira menipéia. Pois ao mesmo tempo em que ela critica os donos do poder, solta suas farpas nas supostas vítimas deste mesmo poder, ao contrário da sátira romana, que normalmente traz uma espécie de moral ao final da história, direcionando bem especificamente suas críticas, que na antiguidade eram voltadas muito regularmente à mitologia e à filosofia.

Mikhail Bakhtin, em seu trabalho *Problemas da Poética de Dostoiévski*, relaciona treze características típicas da sátira menipéia, mas nesse estudo, Bakhtin tem um ponto de vista mais

amplo do que o considerado aqui, revelando a presença da menipéia não só na literatura, mas também em manifestações culturais populares. Para efeito desta comunicação, adotamos as cinco características fundamentais levantadas por Enylton de Sá Rego em seu *O Calundu e a Panacéia: Machado de Assis, a Sátira Menipéia e a Tradição Luciânica*. Podemos relacioná-las da seguinte forma: 1) A continuação ou perenização do gênero (menipéia); 2) Paródia aos textos literários clássicos; 3) Liberdade de imaginação; 4) Caráter não-moralizante (*spoudogeloion*); 5) Ponto de vista distanciado (*kataskopos*). Sendo as duas últimas as mais importantes para a caracterização da sátira adotada por Machado de Assis.

### **A sala de espelhos**

A sátira menipéia é a crítica à organização social, à organização do poder (BRANDÃO, 2001: 23). É a verificação da relatividade da verdade. Ela coloca, por exemplo, a história e o exercício do poder sempre à prova sem, no entanto, gerar nenhum juízo moral. Ao mesmo tempo, o sorriso da sátira menipéia é provocado para que se perceba o mundo de forma criativa, observando-se sempre o contexto no qual o certo e o errado se revelam. Assim, toda sátira ri (e zomba) das travessuras dos donos do poder, mas a menipéia parece não concordar em dar publicidade exclusiva aos poderosos e quer revelar também os talentos cômicos dos que são vítimas do poder - esse povo da periferia, esse homem popular.

É nesse povo que parece ocorrer a grande transmutação da comédia e da tragédia, é nele que se vê com maior nitidez um talento tragicômico. Mas para que a sátira se complete, junta-se ao homem popular o mundo fantástico e inverossímil, no qual homens voam à lua, carneiros falantes investem na bolsa de valores, e onde até os vermes mostram-se indignados com o humanismo exacerbado. Até os mortos nos teriam muito a dizer sobre os “poderosos homens poderosos” que dominam a história da vida humana.

Esse mundo fantástico e inverossímil favorecia sobremaneira a crítica e a visão irônica de Machado de Assis e de Luciano de Samósata. Mas qual seria o propósito de se mudar a perspectiva do sorriso? Muitas destas perguntas poderiam ser respondidas com uma análise mais profunda da estética literária de cada autor apropriador da menipéia, mas poderíamos também, por uma mera falta de tempo e espaço, verificar o lado social dos escritores em pauta.

A simples observação da biografia de Luciano de Samósata é a observação de uma face um tanto diferenciada do povo grego. Esta diferenciação não acontece pelo fato dele ser de origem síria, filho de artesãos ou qualquer outro tom pejorativo que se queira impor ao escritor e sua obra. Ao contrário, a diferença está no fato dele ter sido um homem reconhecido e admirado pelo seu poder de retórica, por ter sido um famoso conferencista e advogado, e, apesar de toda sua influência social, por ser dono de um estilo literário, se não radicalmente oposto, ao menos independente e livre dos modelos vigentes em sua época. Isto é característica típica dos escritores que aderiram à sátira menipéia e, principalmente de Luciano de Samósata, que foi essencial para a formação de uma importante linhagem de escritores que se seguiram. É a chamada tradição luciânica, que tem representantes do quilate de Erasmo de Rotterdam (1466-1536), Robert Burton (1577-1640), Jonathan Swift (1667-1745), Laurence Sterne (1713-1768) e Machado de Assis (1839-1908).

Na verdade, esta forma satírica permeável, que parece poder penetrar todo e qualquer gênero, mostra as ironias da vida e como os sistemas dogmáticos, ao longo da história, caem uns sobre os outros sem saber quem os derrubou. E essa deve ter sido a forma encontrada por Machado de Assis para espelhar em seus textos a sua visão irônica de mundo, sua crítica e seu próprio modo de agir em relação às situações que lhe eram impostas, sem, no entanto, ser condenado à força pela ira dos criticados.

Como a sátira menipéia anula ou, pelo menos, distancia o narrador e até o escritor do seu texto, favorece sobremaneira a possibilidade de uma crítica eficaz disfarçada num sorriso displicente. Com efeito, este sorriso diferenciado, visto na obra do autor de *Memórias Póstumas de Brás Cubas* e, percebido também em sua própria pessoa, não parece ser uma “galhofa” cega, um riso solto. Trata-se, em vez da gargalhada tradicional, causada por *uma* situação cômica, de um sorriso daqueles que se leva a mão à boca quando se está diante de uma situação trágica. Neste caso, o riso não é uma reação do espectador (ou do leitor) causada pela ação do ator cômico (ou do texto). Ao contrário, é uma espécie de riso que nos dispomos a dar diante de algo que simplesmente não entendemos. É como se alguém nos contasse uma piada e, para não deixá-lo perceber que nós não entendemos, soltamos uma risada um tanto quanto sem graça. Só algum tempo depois, fazemos uma reflexão sobre a tal piada. Para se ter uma idéia mais clara, podemos verificar o conto *A Teoria do Medalhão*, onde Machado de Assis, além de evidenciar o sorriso irônico, deixa patente sua filiação à sátira menipéia através de Luciano, colocando como subtítulo deste conto a palavra “diálogo” numa alusão à forma principal utilizada pelo escritor sírio, além de citar explicitamente no texto o nome Luciano e de outros autores filiados à tradição luciânica.

Diante disto, o que a sátira menipéia procura evidenciar são “as últimas questões” (BAKHTIN, 1997: 119), aproximando-se mais de uma crítica às verdades absolutas, buscadas pela filosofia ao longo da história humana, do que propriamente de um conceito de riso. Enquanto a sátira tradicional parece zombar do trágico, a menipéia, de uma certa forma, parece considerar o trágico e o cômico como partes convergentes da constante transmutação da vida. Para os autores ligados à menipéia, nada é totalmente trágico, ao mesmo tempo em que nada é totalmente cômico. Muitos exemplos desta forma de se verificar os acontecimentos podem ser vistos em quase toda a obra de Machado de Assis, não só nos romances, contos e poemas, mas também em seu teatro, em suas crônicas. A maioria dos textos de Machado de Assis parece estar

entranhada por um riso leve e inacreditavelmente sério. Assim, todas as vezes que o leitor sente vontade de rir, sente também, e ao mesmo tempo, uma espécie de vergonha, e até, uma sensação de estar sendo ludibriado. Isto leva, invariavelmente, a uma reflexão sobre o riso.

Destarte, o sorriso provocado pela sátira menipéia é como uma sala de espelhos, dessas que se vê nos parques de diversão. Quando nos deparamos com nossa fisionomia totalmente alterada e com diversas silhuetas, não conseguimos conter o riso. São tantos espelhos, tantas gargalhadas, e só quando saímos da sala percebemos que estávamos rindo o tempo todo de nós mesmos. Isto talvez se explique, pois vendo as formas distorcidas no espelho, enxergamos melhor nossos próprios defeitos. É então que se realiza algo estranho. Algo que eu gostaria de chamar o “riso pensado”, ou o “pensar do riso”.

Por esses e por muitos outros motivos, valorizo muito a presença da sátira menipéia na obra de Machado de Assis, não apenas por sua presença, através da citação velada ou explícita do autor dos *Diálogos dos Mortos*, pois Machado de Assis também cita outros autores pertencentes a essa tradição, além de inúmeros outros de diversas áreas. O riso pensado da sátira menipéia nunca é produzido para apontar os erros, mas para fazer da pessoa que se apropria desse gênero literário (seja ele escritor ou leitor), um livre pensador. Isto seria algo de muito importante para o que parece ser um simples sorriso.

Homens como Machado de Assis e Luciano de Samósata podem até ter levado este estilo literário para o seu dia-a-dia, pois acredito sempre numa aplicação prática para toda teoria (e nisso concordo com a escola cínica). Ninguém deve filosofar em vão, chorar em vão, nem mesmo rir em vão.

Está claro que as linhas anteriores são apenas suposições a respeito de um certo caminho, digo, um outro caminho, não para o tão conhecido caminho do riso. Talvez se evidencie a

possibilidade do riso sério, de se fazer do riso uma atitude, um estilo de vida. Talvez assim se aprenda a sorrir do passado e não se lamentar. Sorrir do tempo e não correr atrás dele. Sorrir da hipocrisia e, ao mesmo tempo, matar o Sr. Hipócrita de úlcera nervosa. Isto pode parecer pouco acadêmico, sandice, a dona Loucura que me perdoe, mas me parece ser boa aventura para aqueles que tenham coragem de correr o risco de seguir esse afluente e, quem sabe até, descobrir um imenso rio jamais navegado. De um modo ou de outro, o que aqui tentamos enxergar foi um certo sorriso, não um sorriso qualquer, mas...o sorriso irônico da sátira menipéia.

### **Referências Bibliográficas**

- LUCA, Heloísa Helena Paiva de (Org.). *Balas de estalo*. São Paulo: Annablume, 1998
- MACHADO DE ASSIS, J. M. *Obra completa*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1994.
- BAKHTIN, Mikhail. *Problemas da poética de Dostoiévski*. Tradução: Paulo Bezerra. São Paulo: Forense Universitária, 1997.
- BRANDÃO, Jacyntho Lins Brandão. *A Poética do hipocentauro*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2001.
- JOBIM, José Luís (org.). *A biblioteca de Machado de Assis*. Rio de Janeiro: Topbooks, 2001.
- REGO, Enylton de Sá. *O calundu e a panacéia: Machado de Assis, a sátira menipéia e a tradição luciânica*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1989.
- REVISTA BRASILEIRA, Fase VII, Ano III, 11, Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, 177p.
- RIOS JÚNIOR, Sebastião. *O pensamento social de Machado de Assis*. Brasília: Universidade de Brasília, 1998. (Tese de doutorado, UnB).
- ROTTERDAM, Erasmo de. *Elogio da loucura*. Trad. Maria Ermantina Galvão. São Paulo: Martins Fontes, 2000.
- SAMÓSSATA, Luciano de. *Diálogos dos mortos*. Trad. Américo da Costa Ramalho. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1998.
- SWIFT, Jonathan. *Panfletos satíricos*. Trad. Leonardo Fróes. Rio de Janeiro: Top Books, 1999.